

O Guadiana e o Lince-ibérico

A Luz, o reaparecer e a partilha no território

Entre Guadiana e lince, dois fortes elementos do mundo natural, que associações, assim brevemente, se poderão deslindar? O primeiro é um majestoso rio do Sul ibérico de nome mouro, o segundo trata-se de um felino selvagem com um dos maiores riscos de extinção do mundo.

Guadiana reporta-nos para verões secos, culturas arvenses de sequeiro, matagais aromáticos onde várias plantas são resistentes ao fogo e a fauna suporta temperaturas extremas. Os montes e povoados humanos mostram-se com suavidade na paisagem, adaptaram-se também, com sabedoria, às condições climatéricas. O que prevalece na memória sensorial destes territórios é uma intensa luz. Uma luz forte, generosa, que invade a terra e o olhar. Já lince, na sua origem linguística de raiz indo-europeia, deriva de *leuk* - ser luminoso, iluminar. Daí que para muitos gregos e romanos antigos a associação do animal a luz, a brilhante, lucerna, pudesse ser óbvia, como o é, por outras razões, para o Guadiana.

Este rio atravessa hoje um Parque Natural em áreas de montado, afloramentos quartzíticos, zonas de pastagens, pousios e uma encosta muralhada onde se ergue, inesperada, a vila de Mértola. No entanto as suas águas nascem em Espanha e no seu percurso de 800 quilómetros é partilhado por várias regiões e por dois países. Também o lince foi uma espécie com distribuição geográfica comum a Portugal e Espanha. Até ao século XX as suas populações funcionavam com uma dinâmica metapopulacional, ligadas por trocas genéticas e lincos dispersantes que não conheciam fronteiras. Hoje a conservação da espécie é ainda um desafio conjunto de esforços internacionais.

A terceira associação entre o predador e o rio, prende-se com a lenda do Guadiana no seu percurso espanhol. Todos os elementos naturais que causam uma forte impressão anímica nos humanos têm histórias construídas à sua volta. Neste caso um mistério. Conta a narrativa, que o Guadiana é um rio que desaparece e aparece de novo no seu percurso orográfico. Que existiriam dois rios subterrâneos paralelos e que o rio, a determinada altura do seu caminho, “renasce” repentinamente à superfície. Também o lince, no seu carácter e história, possui uma faceta sombria e mais encoberta. Uma espécie que após muitos anos de ter desaparecido em vários territórios “reaparece” agora através da reintrodução. Em 2015 uma população de lincos tenta renascer em terras de Mértola, para poder ganhar dimensão e tornar-se viável para o futuro. Segundo algumas descrições de encontros entre humanos e exemplares da espécie, o lince pode surgir calmamente no matagal, deixando-se ver com clareza e de repente, num salto, desaparecer completamente como um fantasma. Para reaparecer mais tarde ou não, em local e hora incerta...

A biodiversidade do Parque Natural do Vale do Guadiana era já alvo de muita atenção ainda antes de ser decidida a reintrodução do lince. Alberga narcisos raros e endémicos da Península Ibérica, invulgares aves estepárias, uma espécie única de peixe, isolada há muitos anos, e provavelmente das mais importantes populações da Europa de leirão e de gato-bravo. Na

última década, tornaram-se mais comuns as grandes rapinas como a águia-de-bonelli e a águia-real e, surpreendentemente, a águia-imperial começou a procurar aqui nidificação. Quem soube antever o que esse sinal nos céus anunciava?

Lince a viver no Guadiana?

“em termos físicos, de natureza, temos tudo!” (entrevistado, concelho Mértola, 2014)

Eis a resposta de um residente, entre os que consideram possível que o lince-ibérico seja reintroduzido com sucesso no vale do Guadiana desde que cumpridas algumas condições.

As vozes locais diversificam-se. O tema é contestado e discutido. Para muitos o lince é um desconhecido ou mais um predador que compete com a caça. Vários consideram que para que o seu regresso possa acontecer a este território deve ser garantida a existência de mais coelho ou que proprietários e gestores cinegéticos têm que ser compensados financeiramente. Situam-se aqui zonas de caça onde eram caçados milhares de coelhos por ano. Surge o conflito sobre a quem pertence o coelho-bravo, a presa principal do lince...A questão permanece: “e acha que é possível o lince viver aqui na região?”

“Eu neste momento, na minha opinião pessoal, acho que não. E vou dizer porquê. Há duas situações: a falta de alimento e o facto de se é uma zona livre ou se é zona de caça (...) as pessoas estão contra, a maioria das associações, porque se eles já não têm coelhos para vender (isto é uma questão de venda) muito menos vão ter coelhos para dar ao lince.” (representante autárquico, concelho Mértola, 2014)

Por outro lado, o turismo de natureza e o equilíbrio ecológico também fazem parte do discurso local sobre as vantagens da reintrodução do lince aqui. Surge ainda, subtil, o sentimento de orgulho. Ter lince no concelho poderá ser uma nova distinção territorial para Mértola, única no país.

“Agora é tudo igual em todo lado. Portanto os territórios se puderem ter algo que mais ninguém tem isso é importante para o seu desenvolvimento, como tem a mesquita, os museus, a cerâmica islâmica, portanto quem quiser ver o lince tem de vir a Mértola. Sendo uma espécie emblemática, em vias de extinção, conhecida na Europa, não tenho dúvidas que há um nicho de mercado importante.” (técnico, concelho de Mértola, 2013)

“Olha existe o lince, provavelmente não se via que ele só anda de noite, era quase como uma imagem virtual, o imaginário. Em Mértola também existe o lince-iberico. Era uma mais-valia, mais uma coisa boa ao tanto de bom que Mértola tem.” (representante autárquico, concelho de Mértola, 2014)

E há também quem, sem conflitualidade, veja um futuro de maior visibilidade para o Guadiana, com múltiplos emblemas: capital da caça, museu arqueológico a céu aberto, o recanto do melhor mel, dos originais queijos, e...

“A introdução do lince em termos sociais, emblemáticos e em termos experimentais devia ser feita para que as pessoas e as entidades, e as pessoas na Europa e no Mundo, se apercebessem que há aqui uma população no sul de Portugal que tem um riqueza muito grande em termos cinegéticos, com todos os desequilíbrios que a natureza provoca, com falta de água em certos anos, epidemias noutros anos, mas que a vontade humana pelo menos prevalece em relação a estabelecer uma espécie que é

uma espécie que desapareceu daqui há muitos anos, mas que a região tem condições para a ter. Independentemente do apoio que tenha de ser dado ao processo. Ou seja, Mértola ficava mais enriquecida, na minha opinião, com a introdução. Era mais falada.” (gestor cinegético, concelho Mértola, 2013)

...talvez a oportunidade histórica de linco e pessoas voltarem a viver juntos, a partilhar território.

Margarida Lopes Fernandes

2015

Centro em Rede de Investigação em Antropologia

Instituto da Conservação da Natureza e Florestas